A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO RACISMO E A SUA RESSIGNIFICAÇÃO CONTRA OS IMIGRANTES HAITIANOS

Fernando Diehl[1]

RESUMO: Existem diversas formas e correntes teóricas na sociologia para a compreensão de um fenômeno social. Este trabalho pretende apresentar o conceito de raça, racismo e etnicidade a partir do preconceito sofrido por novos imigrantes, os haitianos no Brasil através da interação social dos indivíduos, partir de análise de fontes jornalísticas e entrevistas realizadas. Apresentará um resgate da noção de raça e racismo como construções sociais através de dicotomias biológicas e culturais construídas na interação e em que medida mesmo sendo uma construção social, tais imigrantes - por serem negros - sofrem preconceitos. Demonstrando que existem traços físicos, que geram simbolicamente um preconceito contra um grupo social. Este trabalho vai discutir como, uma construção social - a de raça –é ressignificada para estigmatizar um grupo social recentemente migrado e quais traços que geram o preconceito contra este grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Estigmatização. Imigração Haitiana.

ABSTRACT: There are several ways and theoretical currents in sociology to the understanding of a social phenomenon. This paper aims to introduce the concept of race, racism and ethnicity through the preconception suffered by new immigrants, the Haitians in Brazil through social interaction of individuaus, from analysis of media and interviews as sources. This papel will present a ransom of the notion of race and racism as social constructions across biological and cultural dichotomies built on interaction and to extent to which even as a social construction, such immigrants - for being black - suffer prejudice. Demonstrating that there are physical traits, which symbolically generate a bias against a social group. This paper will discuss how a social construction - such as race - is resignified to stigmatize a social group recently migrated and which traits that generate prejudice against this social group.

KEY-WORDS: Racism. Stigmatization. Haitian Immigration.

1 Acerta dos conceitos de etnicidade, raça e racismo

Existem diversas formas e correntes teóricas na sociologia para a compreensão de um fenômeno social. Este trabalho pretende apresentar a construção cultural dos conceitos de raça, racismo e etnicidade a partir do preconceito sofrido por novos imigrantes no Brasil através da interação dos indivíduos. Para isso, apresentará um resgate da noção de raça e racismo como construções sociais, e em que medida mesmo sendo uma construção social, isto quer dizer, fatores biológicos e culturais que são sobrepostos aos indivíduos variando

[1] Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

conforme o contexto social a qual estão inseridos, ou seja, analisando as dicotomias biológicas e culturais como linguagens construídas na interação. Tais imigrantes - por serem negros - sofrem preconceitos. Desta maneira, demonstrando que existem traços físicos, que geram simbolicamente um preconceito contra um grupo social. Este preconceito é o que é construído socialmente. Em consideração que "muitos cientistas naturais e a grande maioria dos cientistas sociais concordam que as raças são construções sociais. A ideia de raça é justamente isso, uma ideia" (WADE, 2000 p. 21).

Partindo do pressuposto de que a sociedade na verdade é uma construção social, ou seja, construída a partir dos símbolos de linguagem que os indivíduos utilizam em suas vidas, pois "a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente" (BERGER; LUCKMANN, 2013, p. 35). Isto significa que é na interação cotidiana que o mundo real é construído a partir dos símbolos, que surgem através da linguagem, em consideração que a "linguagem marca as coordenadas de minha vida na sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação" (Id. Ibid., 2013, p. 38). Utilizando-se de um exemplo para ilustrar esta questão, a construção social das categorias raciais pode ser ilustrada mediante o contrate entre América do Norte e América do Sul. Na primeira, a categoria de negro inclui supostamente qualquer pessoa com a conhecida "gota de sangue negra", assim, este fator assimilará a identidade negra. Na América Latina, há uma complexidade da situação, há uma grande quantidade de categorias raciais, e só se identificam como negras as pessoas com aparência muito parecidas com a aparência africana, a partir da pigmentação (WADE, loc. Cit.).

É pertinente a compreensão de que os significados dos símbolos presentes na construção social da realidade em cada sociedade surgem no processo de interação social cotidiana. Por símbolos entende-se "alguns signos que transmitem informação social podem ser acessíveis de forma frequente e regular, e buscados e recebidos habitualmente; esses signos podem ser chamados de símbolos" (GOFFMAN, 2013, p. 53). E por signo,

> objetos ou ocorrências perceptíveis por visão, audição, tato e olfato, como luzes de diferentes cores, elementos de vestimenta, letreiros, declarações orais, tons de voz, gestos, expressões faciais, perfumes e assim por diante (BAUMAN; MAY, 2010, p. 207).

Isso significa que traços, objetos, percepções sociais, geram sentidos e significados para os diversos grupos existentes. Porém, isso não significa uma interpretação pessoal

isolada das demais. Ao longo do processo histórico, alguns símbolos em destaque foram gerando um significado constante e igual, a repetição dos significados de tais símbolos construiu uma compreensão subjetiva de uma grande parte da população, tal experiência consequentemente "pode ser compartilhada por outra pessoa que não a vive" (FANON, 2008, p. 86).

Alguns traços fenotípicos utilizados para definir a raça, foram originados e ressignificados historicamente de acordo com interesses de grupos sociais. Traços como a pigmentação de pele, formato do rosto, nariz, cabelo, cor dos olhos, foram símbolos usados para a definição de raça. Portanto,

> não podemos deixar de nos lembrar sempre que o conceito de "raça", tal como é empregado na linguagem cotidiana de senso comum, para significar características conexas e comuns em relação ao tipo e à ascendência, é uma invenção relativamente recente e absolutamente moderna (GILROY, 2007, p. 52).

Cabe, portanto, neste trabalho, discutir como, uma construção social do conceito de raça – verificar como ainda se perpetua na sociedade, quais traços que são usados como signos marcadores de raça, o preconceito contra um grupo social e como ela se ressignifica para gerar uma discriminação específica, no caso, contra a nova imigração de haitianos no Brasil.

A etnicidade também é outro conceito atualmente muito em voga ao se tratar das questões étnico-raciais. Visto que a etnicidade é um elemento cultural que ganha existência através de significados compartilhados ela é produzida e reproduzida na interação social (JENKINS, 1997), assim como o conceito de raça proposto para esta pesquisa. A construção do racismo se diferencia não apenas na ordem de "excluir, mas adicionalmente na ordem de marginalizar uma coletividade social com a particular questão de relações de dominação" (MILES, 1993, p. 101). Isto significa que tais conceitos, como outros, são construídos a partir de interesses de determinados grupos, para manter sua legitimação ou dominação sobre outros grupos.

Não se pode desconsiderar de que existe uma grande crítica para esta perspectiva social teórica. O cerne desta crítica é que, se as questões sociais – como etnicidade, raça e racismo propostos neste trabalho – são construções sociais surgidas no processo de interação, então seria na própria interação social cotidiana que eles seriam modificados ou até mesmo eliminados, pois não existiria uma estrutura, como uma instituição ditando as regras de forma objetiva sobre os indivíduos. Acerca desta questão de "estrutura", Blumer (1986, p. 58) coloca

que por estrutura deve-se compreender pessoas interligadas em suas respectivas ações. Ou seja, existe um grupo que detém o poder de gerar os significados de símbolos e estes perpassam na interação cotidiana dos indivíduos. Logo, tal visão, não nega a existência de instituições que regem a vida do indivíduo, embora não vão focar muito nesta questão, ela não é negligenciada. As instituições e organizações devem ser vistas pelo processo de interpretação da ação dos participantes. Isto significa que:

> A coisa importante a enfatizar é que grupos étnicos, de fato todos os grupos são instituições, padrões de pratica social identificando pessoas que se tornaram estabelecidas sobre o tempo de como as coisas são feitas em um contexto particular local, sendo que as pessoas neste local estão conscientes disso (JENKINS, op. Cit., p. 61).

É desta forma que ocorre a "estruturação" da questão étnico-racial para a perspectiva teórica proposta neste artigo, que pretende analisar a questão étnico-racial através da interação dos indivíduos. Mas algumas lacunas ainda ficam a ser indagadas, pois toda corrente teórica tem seus pontos cruciais que limitam a análise sociológica. Portanto, não se pode pensar como um mero discurso de significado. Existem fatores externos à linguagem que tornam constante o cerne da questão étnico-racial, quanto a isso é importante compreender a "cor de pele como um determinante ativo de relações sociais" (MILES, op. Cit., p. 87), isto é um traço determinante construído simbolicamente.

Esta pesquisa propõe que uma questão biológica como o fenótipo da pele seja compreendido e explicado como uma construção cultural. Hoje "o consenso geral é que a etnicidade se refere às diferenças culturais e a raça se refere às diferenças fenotípicas" (WADE, op. Cit., p. 24). Mas para uma compreensão interacionista do fenômeno social, deve-se sair desta dicotomia de biológico e cultural para compreender que ambas são linguagens construídas na interação social. Como dito anteriormente, o fator biológico sendo interpretado a partir de uma cultura construída socialmente.

Os conceitos raça e etnicidade são considerados como construções sociais, que foram ganhando seus respectivos significados ao longo do período histórico. Pois os mesmos não são termos que tenham referentes fixos (Id. Ibid., 2000, p. 11), a palavra racismo por exemplo não existia durante os séculos XVIII e XIX (MILES, Op. Cit., p. 81). Nestes termos, "Elias mostra que a burguesia a partir do século XVI começa a ver seus valores e maneiras mais como uma questão de herança do que uma construção social" (Id. Ibid., p. 90). Tais valores começam a gerar um significado na ação dos indivíduos, o que futuramente vai gerar os

símbolos que temos hoje sobre tais maneiras. Ou seja, comportamentos e condutas paulatinamente deixam de ser algo construído socialmente por seu grupo, para se tornar uma herança, algo herdado, pertencente de maneira inata ao grupo, como uma "raça". Com o passar do tempo:

> No século XVIII, a palavra *raça* era primeiramente usada para a descendência comum de um conjunto de pessoas; as suas características distintivas eram dadas por assentes e a categoria *raça* usava-se para explicar como as conseguiram. No século XIX, *raça* tornou-se um meio de classificar as pessoas por essas características (BANTON, 1979, p. 39).

A palavra *raça* tem o seu significado modificado por volta do início do século XIX. Anteriormente, o termo era utilizado no sentido de linhagem; as diferenças entre as "raças" ocorriam em circunstância de suas histórias (Id. Ibid., p. 29). Já no decorrer do século XIX, com o advento do pensamento darwinista, mais especificamente o darwinismo social, o termo raça veio a significar uma qualidade física inerente. "Os outros povos passavam ser vistos como biologicamente diferentes" (Id. Ibid., p. 30). Ou seja, raça se tornou um conceito para classificar certos grupos sociais. Ao longo do decorrer histórico existiam os clãs e outros grupos que faziam este papel, mas o conceito de raça foi de maneira processual sendo ressignificado e se tornando um importante elo simbólico de classificação de grupos sociais, seja por qualidades ou estigmas, de um grupo social sobre o outro. A partir destes novos significados, podem-se explicar alguns dos processos de racismo ao longo da história moderna. Tal tarefa, contudo, não é o objetivo deste artigo.

É claro, devo salientar que a noção de que as raças são construções sociais não significa que não sejam importantes, como se fossem "meramente" uma ideia (WADE, Op. Cit., p. 21). Descrever esta questão como uma construção social, não significa que por ser uma ideia, o simples fato de esquecer ou suplantar outra, vai apagar uma herança histórica de desigualdade e preconceito. Como Fanon descreveu, "o branco, incapaz de enfrentar todas as reivindicações, se livra das responsabilidades" (FANON, Op. Cit., p. 98). Ou seja, "o mito do negro-ruim faz parte do inconsciente da coletividade" (Id, Ibid., p. 90). Tratar os conceitos de raça, etnicidade e racismo como construções sociais não significa tirar a culpa, mas compreender de que maneira se originaram – nos aspectos cotidiano da vida social - não como algo existente para além dos indivíduos, como uma estrutura objetiva, mas que é algo presente na subjetividade, realizado em muitos dos atos e ações sociais dos indivíduos, pois são símbolos herdados e aprendidos através de nossas interações.

Retornando aos conceitos. Para alguns escritores, atributos coletivos como uma pessoa ser classificada como "negra" de forma negativa "se tornou como sendo racismo, por definição, racismo se tornou uma ideologia branca da qual apenas as pessoas negras são seus objetos" (MILES, Op. Cit., p. 87). Quanto a isso, Miles coloca o racismo como algo do branco para contra o negro. Ou seja, o estigma pejorativo na questão racial, foi utilizado para um grupo branco dominar e subjugar um grupo negro. Tais conceitos foram signos usados para um grupo deter o poder, dominando outro conforme sua necessidade e interesse, através da época histórica em questão. Nunca foi algo estagnado e eternamente com o mesmo sentido.

Após esse panorama breve sobre a história do termo *raça*, descreverei um pouco a ideia da raça, como ela foi sendo pensada e construída para depois entrar na questão específica da recente imigração.

Os conceitos de etnicidade, raça e racismo sendo ideias surgidas em um determinado contexto histórico, significa que os seus significados não são estáticos elas se modificam ao longo do tempo. Hoje podemos entender que "estamos vivendo uma profunda transformação na maneira pela qual a ideia de "raça" é entendida e praticada" (GILROY, Op. Cit., p. 29). Pois

> A ideia de "raça" perdeu muito de sua credibilidade de senso comum, porque o elaborado trabalho cultural e ideológico voltado para a sua produção e reprodução é mais visível do que nunca, porque ela tem sido despida de sua integridade moral e intelectual, e porque há uma chance de impedir sua reabilitação. [...] a "raça", tal como foi definida no passado, também se tornou vulnerável às reivindicações de uma biologia muito mais elaborada e menos determinista (Id., Ibod., p. 50).

Ou seja, após eventos ocorridos na história recente - como o fim da escravidão e o término da Segunda Guerra Mundial - a ideia de raça até então concebida, perde a sua credibilidade, porém ainda mantendo elos simbólicos significantes, como no caso brasileiro sendo o racismo deixado no inconsciente coletivo da população, sendo manifestado abertamente e também de maneira inconsciente.

Neste sentido, significa que, embora possamos considerar que raça, racismo e etnicidade tenham sido construções sociais, devem haver outros fatores, para além da cultura, que corroboram para a continuidade de tais símbolos na sociedade. Os traços biológicos construídos culturalmente descritos anteriormente apresentam-se como importantes aspectos físicos que diferenciavam grupos sociais entre si, portanto, os mesmos foram usados – muitas vezes de forma exagerada – para a diferenciação de grupos étnicos. Isto significa que "o

problema é que tanto os atributos 'culturais' e 'biológicos' significam sugerir a existência de auto-reprodução de coletividades sociais que são distintas em si" (MILES, Op. Cit., p. 100). Isso significa que:

> A ideia moderna de raça favoreceu uma escala específica de representação e funcionou dentro dos mais estritos limites percepcionais, que as marcas, os órgãos e as feições distintivas tenham sido descobertas na superfície externa do corpo, quer tenha se pensado que eles residissem em algum lugar em seu interior, onde se imaginava que as propriedades escondidas do sangue, dos ossos e dos nervos, diferenciados racialmente, regulassem as manifestações sociais e culturais (GILROY, 2007, p. 58).

Traços físicos como o fenotípico, traços faciais, cabelo, cor dos olhos podiam representar a raça. Portanto, o aspecto biológica dos indivíduos, foi utilizado como atribuição de significados culturais radicalizados, hierarquizados e estigmatizadores, sobre os aspectos biológicos foi instrumento de dominação de um grupo sobre o outro, mostrando de maneira simbólica – construída socialmente – a diferenciação entre grupos sociais distintos. O corpo tornou-se um objeto físico de representação identitária, ou seja, mostrando a qual grupo étnico o indivíduo pertencia. Nos tempos atuais, tal análise biológica pode ser questionada, principalmente a partir das modificações corporais possibilitadas pela medicina estética moderna.

> os corpos podem ainda ser os mais significativos determinantes para fixar a ótica social da "raça", porém, os corpos negros são vistos agora – simbolizados e imaginados – diferentemente. Graças ao Adobe Photophop e tecnologias de processamento de imagens similares, os tons de pele podem ser manipulados, com mais facilidade do que os músculos marcados de forma indelével que vendem produtos para transpiração de grifes (GILROY, 2007, p. 43).

Nesta questão, Gilroy apresenta as diferenças que a tecnologia hoje proporciona, isto acarretam em uma mudança na identidade e ser dos indivíduos, porém, mesmo podendo mudar drasticamente a coloração da pele em fotos ou em cirurgias, alguns estigmas permanecem. Neste sentido, tratar o aspecto étnico-racial que meramente tratar como uma "simples" construção social, não pode ser uma tese definitiva. Existem sim, os traços fenotípicos para além da interação que ainda exercem influência sobre os indivíduos. É nisto que entra a questão da identidade dos grupos sociais e como tais traços exercem influência sobre eles, por exemplo, a internalização de um signo referente ao formato do nariz por parte de um grupo social, "o grupo categorizado é exposto a termos no qual outro grupo define e

assimila tal categorização, seja total ou em parte, em sua própria identidade" (JENKINS, Op. Cit., p. 70).

Em consequência desta significação da dominação através de traços biológicos em determinados grupos, sejam eles visíveis aos olhos ou através de questões simbólicas, para além dos traços físicos, sendo "invisíveis", surgem diferenças através de relações de poder. Sobre esta questão, considerando que a

> identificação interna e auto-identificação, seja por indivíduos ou grupos, no entanto não é o único "mecanismo" para formação de identidade étnica. As pessoas nem sempre estão em posição de 'escolher' quem elas são ou o que sua identidade significa em termos de consequências sociais (JENKINS, 1997, p. 47).

Estas relações de dominação contribuem para que "certas modalidades de racismo podem jogar um papel central na instigação e/ou reprodução de uma estrutura de dominação com a formação social, mesmo ela não sendo de origem colonialista/colonizada" (MILES, Op. Cit., p. 102). Ou seja, não podemos tratar o racismo como uma herança histórica da escravidão e o colonialismo, como um período histórico específico. Mas sim, como uma ferramenta de subjugação de outro grupo étnico ressignificado constantemente na interação social para um grupo exercer dominação sobre o outro. Destacando que esta dominação não significa apenas uma luta política ou um conflito, mas sim dominação nas mais diversas esferas sociais.

Existe um outro lado desta questão de relação de poder e de subjugar o outro. Pois o grupo estigmatizado, muitas vezes pode utilizar-se dos signos de discriminação, e os ressignificarem como algo em prol de sua identidade social. Ou seja, mesmo com o grupo sendo estigmatizado, tais símbolos são ressignificados e gerando assim, o próprio signo que o define como um grupo, construíndo a sua identidade com signos que até então eram utilizados de maneira pejorativa, criando elos de ligação com uma identidade e um grupo social.

Com essas transformações dos conceitos de raça, racismo, etnicidade, assim como os seus respectivos signos, compreende-se então, que hoje "a pele não é mais privilegiada como o limiar da identidade ou da particularidade. Há boas razões para supor que a linha entre o interno e o externo passe em outro lugar. As fronteiras da 'raça' ultrapassam o limiar da pele. Elas são celulares e moleculares" (GILROY, Op. Cit., p. 70). Isto significa que para Gilroy, atualmente deve-se considerar a existência de uma nova forma de racismo, este novo racismo estaria pautado em uma "corrente de persuasão deixava claro que não se sentia à vontade com

a ideia de que a "raça" pudesse ter bases biológicas. Em vez disso, a consciência de 'raça' era vista como intimamente ligada à ideia de nacionalidade" (GILROY, Op. Cit., p.53).

A partir desta questão do nacionalismo pode-se compreender o racismo contra os imigrantes haitianos, que são uma minoria social que vem ganhando destaque em manchetes de jornais, devido ao fato da recente migração de muitos haitianos para cidades brasileiras. Mas antes, uma breve consideração acerca de minorias sociais:

> Se as nações são populações que convergiram ou que estão dispostas a convergir em Estados-nações, as minorias étnicas são grupos que, possuindo atributos nacionais, desejam viver em Estados que não têm como base os seus costumes, língua, religião e valores. As noções de raça vieram a envolver-se tão estritamente com os problemas de minorias étnicas que é frequentemente improdutivo tentar demarcar o estudo das relações raciais no respeitante ao estudo das relações étnicas. A investigação da história de muitas minorias mostra que é impossível separar a influência de fatores como raça, etnicia, classe, religião, e assim por diante, como se fossem fatores de uma equação algébrica. A história humana não é assim tão simples (BANTON, Op. Cit., p. 18).

2 Os Imigrantes haitianos

É a partir desta questão das minorias compreendendo a transformação ou ressignificação dos conceitos de etnicidade, raça e racismo que irei abordar a imigração haitiana recente no Brasil e a estigmatização contra eles. Primeiro, através de um aspecto que foi apresentado anteriormente, que o racismo deve ser compreendido como elos físicos e subjetivos utilizados por um grupo social para dominar outro grupo social. Muitos desses imigrantes podem vir a ser considerados pelos moradores locais como "incapazes de se integrarem às normas e linguagens preferidas pelas populações dominantes" (SCOTT, 2010, p.123), justamente pelo fato de serem "estrangeiros". O grupo dominante utiliza este subterfúgio como uma ferramenta para exercer a exclusão do grupo dominado, alegando que os mesmos são incapazes de se integrarem às normas vigentes na vida cotidiana daquele espaço social.

Acerca da questão de estigmatização, Goffman (2013, p.13) a conceitua como "referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso". Para uma melhor compreensão, Goffman descreve três tipos de estigma,

> Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca,

> paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, Id. Ibid., p.14).

Isso quer dizer que o indivíduo que de alguma maneira teria sido aceito em uma interação social cotidiana facilmente, se possui um traço alvo de estigma, pode impor uma forma de atenção afastando os outros que ele encontra, muitas vezes, desconsiderando outros possíveis atributos seus. Em consequência disso, o estigma é um signo utilizado por um grupo ou indivíduo para exercer dominação sobre outro. Essa dominação pode ocorrer de diversas formas, desde agressão física, a sanções sociais (neste fator pode-se caracterizar questões econômicas, políticas e culturais) e de caráter simbólico. No cotidiano podem-se verificar questões existentes no que tange à sociedade.

A questão racial é muito pertinente no que tange a construção do estigma contra os chamados novos imigrantes (no caso deste artigo, os haitianos), pois em alguns casos apresentam-se como um dos principais desencadeadores da discriminação vivenciada pelos imigrantes. Neste caso pode-se dizer que o racismo significa uma "atitude que predispõe uma pessoa a pensar, perceber, sentir e agir de maneira favorável ou desfavorável em relação a integrantes de determinado grupo" (GIL, 2011, p. 132), gerando os signos contra tais grupos, que são constituídos por "descrições exageradas aplicadas a cada pessoa que integra determinada categoria" (GIL, Id. Ibid., p. 133). Estas atitudes e estigmas constituem uma estigmatização contra este grupo social.

Uma forma de apresentar o racismo contra os imigrantes haitianos - diferente em relação àquele contra o negro brasileiro - é devido à língua materna. Como há muitos haitianos que apenas falam o *creolo* ou o francês, ocasiona que a comunicação se torna uma barreira entre ambos os grupos, tangenciando a discriminação de habitantes estabelecidos, na qual falam abertamente contra os imigrantes, utilizando-se de palavras de baixo calão contra os imigrantes haitianos, justamente pelos mesmos não entenderem a língua que o morador estabelecido está comunicando. O que impossibilita de terem contatos e interagirem entre si. O idioma é usado para a discriminação contra o grupo dominado, a partir de fofocas e redes de interação, os desqualificando.

O preconceito contra tais imigrantes pode apresentar-se de maneira sutil, como em casos recentes de pequenas cidades do interior, importando mão-de-obra emigrada para

trabalhar em frigoríficos ou na construção civil e mesmo assim, existindo um preconceito tangente contra tais trabalhadores novos[2]. O exagero quanto ao estigma que um grupo dominante exerce contra outro grupo dominado, muitas vezes é construído simbolicamente em nossas mentes e interações, ele elaborou o conceito de "Outro Generalizado", que seria "a atitude de toda a comunidade" (MEAD, 1967, p. 154). Isso significa que o grupo que detém o poder de gerar significado constrói a identidade de um grupo social, no caso o outro - muitas vezes, de maneira pejorativa e discriminatória - fazendo assim com que um indivíduo de um grupo seja a tipificação de toda uma comunidade.

Muitos dos moradores de uma pequena cidade, mesmo jamais entrando em contato com um imigrante, veem com maus olhos os imigrantes, por construírem símbolos de estigma contra eles, muitos deles já existentes no cotidiano de suas relações, existentes por causa do racismo. Ou seja, o racismo contra o negro é reapropriado em uma nova forma, neste caso anexando as questões xenofóbicas de medo do desconhecido. Logo, o imigrante haitiano é visto da mesma maneira pejorativa que o negro é visto na sociedade brasileira, porém, com algumas diferenças. Uma a ser destacada, aparenta ser a questão acerca da escravidão. Enquanto os negros brasileiros ainda guardam os resquícios do preconceito e discriminação oriundas da herança histórica que foi a escravidão brasileira, os imigrantes haitianos, não vivenciaram tal escravidão, na verdade, são herdeiros históricos de seu passado escravocrata e de luta em prol da emancipação e liberdade. Porém, devido às consequências dos desastres ocorridos no Haiti, desde o terremoto em 2010 e a desestruturação político-econômica do país, muitos haitianos considerados profissionalmente qualificados, com curso superior, emigraram a outros países em procura de empregos, no quais não são exigidos muitos anos de estudo.

Em consequência disto, surgem casos de haitianos com nível educacional superior, trabalhando em setores na qual é exigido uma baixa escolaridade, justamente pela grande oferta de empregos nestas cidades. Como a entrevista de um haitiano, mostrada no *site* G1, na qual um haitiano formado em Matemática, só conseguia emprego como operário[3]. O mesmo constata o racismo de que são vitimas. O haitiano diz: "encontro muitas injustiças. Muitos brasileiros ou brasileiras consideram os haitianos, nas empresas, como escravos". Esta

[2] http://www.jornalahora.inf.br/?oxi=lerEditorias&jid=816&editoriaId=48. Acesso em 15/02/2015.

[3] http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/07/imigrante-diz-que-muitos-brasileiros-consideram-haitianos-como-escravos.html. Acesso em 19/07/2015.

constatação mostra a ressignificação do racismo contra os novos imigrantes, e mais alarmante, uma reconfiguração de uma forma escravagista de trabalho. Não mais da maneira legal como foi no período brasileiro até o final do século XIX, mas reconfigurada a partir de redes de negociações entre os empresários, na qual eles alocam o lugar na qual os haitianos vão morar, assim como em quais estabelecimentos comerciais eles podem comprar seus mantimentos.

As pessoas que convivem com os novos imigrantes em suas cidades, muitas vezes atribuem a eles características, na maioria das vezes fantasiosas, pois pouco se relacionam com eles, o que corrobora para a disseminação do preconceito contra os imigrantes, pois sem ter interação com os imigrantes, os mesmos não conhecem de fato quem eles são. Junto a isso o elo simbólico oriundo de signos racistas existentes na sociedade brasileira, ocasiona na discriminação contra os imigrantes haitianos, pois constroem um Outro Generalizado, ou seja o imigrante haitiano como uma identidade fixa, na qual desagrada à população estabelecida. Da mesma forma que Gilroy (Op. Cit) escreve em seu trabalho, o conceito de racismo é modificado conforme o desejo de um grupo manter a legitimação de seu discurso e sua forma de ver o mundo.

3 Considerações Finais

Primeiramente destaco que existem correntes sociológicas como a chamada Escola de Chicago, a qual alegava que o processo imigratório

> não traria uma destruição da cultura das minorias, pois ela não consiste, para o migrante, em repúdio de seus valores e de seu modo de vida tradicional em prol das normas culturais da "sociedade do acolhimento", mas em tornar-se implicado em grupos cada vez mais amplos e inclusivos (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p.65).

É claro, deve-se fazer um parêntese que pode soar um tanto quanto óbvio: eles estavam estudando o caso na cidade de Chicago; há de se pesquisar se esta constatação pode ser considerada como verdadeira ou falsa em um determinado caso específico a ser pesquisado empiricamente.

Os signos de estigmas que são gerados contra os imigrantes, para manterem seu monopólio e dominação do sentido de visão de mundo que tal grupo quer que seja o "verdadeiro", pode acarretar em casos extremos de discriminação, na qual ocorre violência física contra os imigrantes. Um caso recentemente ocorrido na cidade de São Paulo, na qual

seis haitianos foram baleados[4] e, segundo notícias vinculadas ao caso, antes dos disparos os agressores teriam dito "haitianos, vocês roubam nossos empregos (sic)". O trágico deste caso extremo demonstra o caso máximo da falta de informação junto ao preconceito racial construído socialmente no cotidiano.

Devemos questionar quem são os agressores que fizeram isso e o que seria estes "nossos" empregos que estão sendo "roubados". Em consideração que os haitianos – seja qual for o grau de instrução – vieram ao Brasil ocupar cargos profissionais que até então eram desocupados, haviam vagas em aberto, nas funções como operário em frigoríficos ou construção civil. Constata-se claramente que, os agressores em si, não estavam "perdendo" seu emprego por causa dos imigrantes haitianos. Era um claro caso de racismo e xenofobia – a ressignificação do racismo que este trabalho vem apresentando – contra uma minoria étnica. Mais adiante, demonstrando mais claramente o racismo e xenofobia, a matéria diz que os haitianos precisaram passar por duas unidades de saúde até serem atendidos, e segundo os mesmos, não foram atendidos por causa de racismo.

Algo a ser questionado quanto a esta configuração de racismo ocorre em frente à outras formas de imigração, que muitas vezes não se apresentam em pauta ou nas manchetes de jornais: são os imigrantes oriundos de países da Europa ou América Latina e do Norte. O que tange esta questão é que, muitas vezes, tais imigrantes são de cor branca, cabelos e olhos de coloração clara. Logo, o fato de serem imigrantes não é um problema, pelo contrário, muitas vezes no cotidiano é algo a ser exaltado (quando oriundo da Europa ou América do Norte), ou inexpressivo (quando considerado com alguns latino-americanos, desde que, sem o fenótipo indígena, ou no caso de imigrantes árabes e libaneses).

Deparamos no Rio Grande do Sul com a comum imigração de uruguaios habitando em cidades do estado e o mesmo não ser uma constatação significativa, no sentido de discriminação ou preconceito contra. Pelo contrário, são os assim chamados "amigos", "irmãos" os "*hermanos*"... Logo, isto pode demonstrar que, o racismo e discriminação contra grupos imigrantes têm como um dos seus grandes focos de destaque, a questão racial, o fenótipo da pele.

Como este artigo apresentou, alguns traços do racismo existente na sociedade brasileira, corroboraram para a discriminação contra os imigrantes haitianos, porém o racismo

[4] http://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/seis-imigrantes-haitianos-sao-baleados-em-sao-paulo-9027.html. Acesso em 08/08/2015.

foi ressignificado, construindo novos signos que não existiam no racismo vigente (até então) pois os imigrantes haitianos possuem diferenças significativas dos negros brasileiros, entre elas, a comunicação. Considerando apenas os aspectos culturais, o primeiro é que, o imigrante haitiano não foi escravo no Brasil, ele não passou por uma herança histórica de subjugação do seu ser e sua identidade, ao menos não como o negro brasileiro. Isto pode gerar ao dominador uma raiva, pois o mesmo não se submete à estas normas construídas historicamente mas não ditas de maneira clara, logo, o imigrante haitiano não "sabe o lugar dele", por isso é alvo de preconceito contra agentes de um grupo que querem manter uma determinada visão de mundo vigente.

Pode-se considerar que, por um lado, apesar de o preconceito contra o negro brasileiro não ser dito claramente por brancos, ele está presente de maneira sútil nas questões existentes do cotidiano. Por outro lado, a discriminação contra o imigrante haitiano muitas vezes é dita de maneira aberta por indivíduos em seus espaços de interação e até mesmo escritos palavras de preconceito nos *sites* das assim chamadas "redes sociais" como *Facebook* ou *Twitter*. Cabe, portanto, à pesquisa sociológica empírica averiguar quais são estes signos e como eles se desenvolvem em contextos sociais específicos.

4 Referências

BANTON, Michael. **A ideia de raça**. Lisboa, Edições 70, 1979.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Vozes, 2013.

BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism: Perspective and Method**. Los Angeles, University of California Press, 1986.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

FANON, Frantz. **Pele negra, mascaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GILROY, Paul. **Entre campos: Nações, culturas e o fascínio de raça**. Sao Paulo: Annablume, 2007.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, LTC, 2013.

JENKINS, Richard. **Rethinking ethnicity: arguments and explorations**. Londres: Sage Publications.

MEAD, George Herbert. **Mind, Self & Society: from the Standpoint of a Social Behaviorist**. Chicago, University of Chicago Press, 1967.

MILES, Robert. **Racism after 'race relations'**. Londres e Nova York: Routledge, 1993.

WADE, Peter. **Raza y etnicidad en Latinoamérica**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2000.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo, Unesp, 2011.
SCOTT, John. **Sociologia: conceitos-chave**. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.